

ORALIDADE E COSMOGONIA: MANEIRAS DE SER E ESTAR NO MUNDO IGBO NA ESCRITA DE CHINUA ACHEBE. (ÁFRICA OCIDENTAL, PRIMEIRA METADE DO SEC. XX).

Vinícius Pinto Gomes¹, Lêda Maira Batista², Íris Palo Borges³, Maria Carolina Eli⁴, Cláudia Mortari⁵.

¹Acadêmico do Curso de História da FAED – bolsista PROBIC/UDESC.

²Acadêmica do Curso de História da FAED

³Acadêmica do Curso de História da FAED

⁴Acadêmica do Curso de História da FAED

⁵Orientadora, Departamento de História FAED – claudiammortari@gmail.com

Palavras-chave: Estudos Africanos. Literatura. Decolonialidade.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar análises pontuais que estão sendo realizadas na pesquisa intitulada “Modos de Ser, Ver e Viver: o mundo Ibo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, séc.XX)”, orientada pela Professora Cláudia Mortari. A pesquisa, a partir de referenciais teóricos-metodológicos advindos dos estudos pós-coloniais e decoloniais, pretende descortinar os modos de ser, ver e viver no mundo Ibo (Nigéria) no contexto do colonialismo e do processo de independência tendo como corpus documental as obras literárias do escritor nigeriano Chinua Achebe. A literatura é aqui percebida enquanto *testemunho histórico* e que, portanto, devidamente problematizada e analisada, possibilita apontar indícios acerca das visões que o escritor possuía em relação aos modos de viver da sociedade igbo, do qual fazia parte, e das implicações do projeto colonial no contexto. Importante considerar que pensamos que na contramão dos cânones ocidentais, as narrativas e as estéticas africanas, as suas dinâmicas de expressão e de reconhecimento de histórias, de lutas e de memórias estão constantemente desalojando conhecimentos eurocêntricos e coloniais.

Tendo como base as questões gerais apontadas, a presente comunicação pretende a partir da análise das práticas de oralidade do povo Igbo (habitantes da região de África onde se formará no século XX a Nigéria e o seu contato com a colonização praticada pelos ingleses), compreender de que forma estas práticas pautam suas maneiras de ser e estar no mundo. Tal intento será realizado tendo como documento a obra *O Mundo se Despedaça* na qual Achebe constrói sua narrativa tendo como personagem principal Okonkwo, um homem bem sucedido da aldeia fictícia de Umuófia. A partir dele, de sua história e a presença de outras personagens, podemos perceber as representações em torno das práticas culturais do povo Ibo: os ritos em relação ao casamento, a morte, o nascimento; os encontros da família e o uso da noz de cola, símbolo de união entre as pessoas; a noção de comunidade, percebendo também a construção do compound (um terreno onde se erguiam as casas da família menor, com o marido, as esposas e os filhos e filhas); a posição social do sujeito em relação ao cultivo bem sucedido do inhame; os instrumentos sonoros, marcantes na vida cotidiana, utilizados tanto nos momentos de comunicação com os espíritos, como nas convocações para as assembleias das aldeias, e também nas festas para o divertimento das pessoas. A oralidade, como forma de orientar as maneiras de ser e de estar no mundo, pode ser percebida a partir dos diálogos entre as inúmeras personagens

que se utilizam de provérbios, formando, portanto, pequenas histórias com uma lição trazendo consigo o tempo anterior, dos ancestrais. Marcados pela presença de animais que agem como humanos, representam a união entre o mundo natural e mágico ao mundo do cotidiano humano. A conversa, por conseguinte, caminha não objetivamente, mas vai dançando entre o assunto que se quer tratar e o mundo da cosmogonia mágica. Como nos diz Achebe: “entre os Ibos, a arte da conversação é tida em alto conceito, e os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas” (ACHEBE, 2009 (1958), p.26). Dessa forma, buscaremos analisar a cosmogonia e a oralidade africana, pois não se pode entender uma sem a outra, não como dicotomia, mas como uma relação que se transpassa e conflui dentro dessa sociedade. Bem como a forma como a colonização atinge essas outras duas, buscando quebrar a base na qual essa sociedade se sustenta.